

COLEÇÕES DA BIBLIOTECA

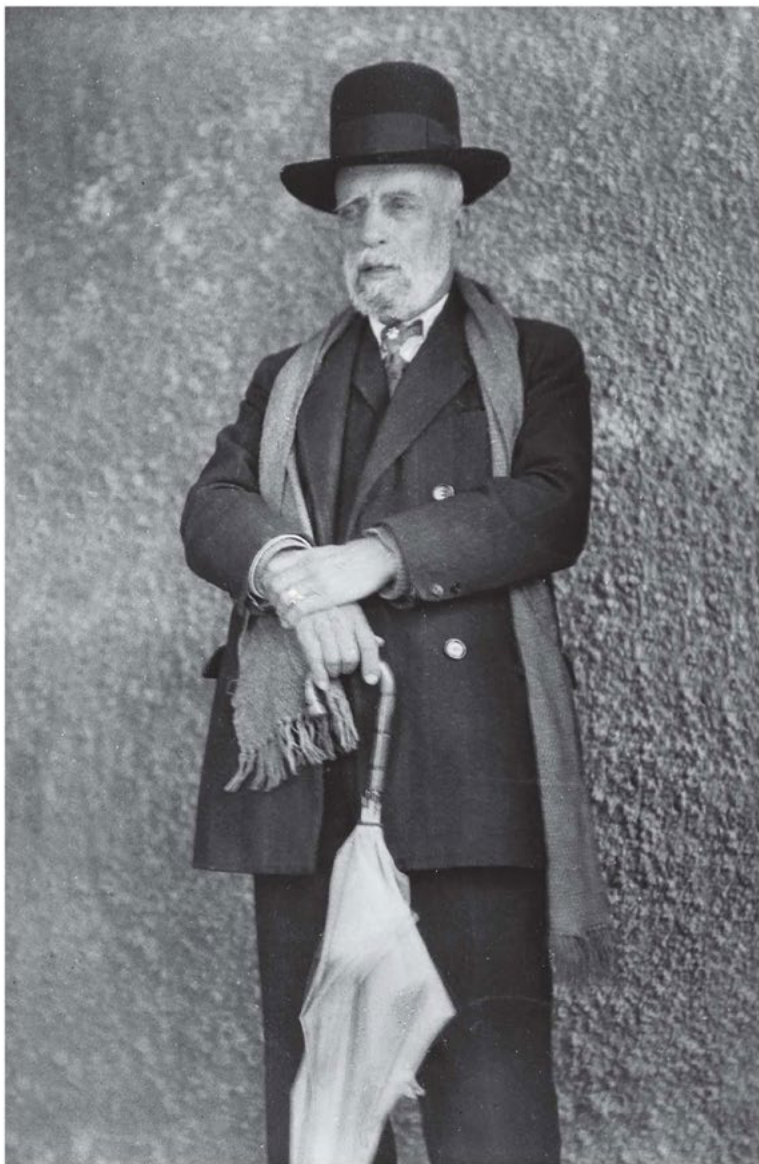
O LEGADO DE  
LEITE DE VASCONCELOS  
NA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

I V O C A S T R O

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

**FLUL** LETRAS  
LISBOA

O LEGADO DE  
LEITE DE VASCONCELOS  
NA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



Este velho magro e meão, de sobreceño carregado, panamá amarelido, terno de linho caseiro e guarda-sol de pano alvadio no braço, que no Verão alfacinha irrompia da Rua de Ivens para o Largo da Biblioteca, a consultar os «reservados», ou da Rua da Betesga para as tendas da Praça da Figueira, a regatear um punhado de fruta do tempo sem perder de ouvido os ditos das colarejas e os «arres!» dos saloios de burrico — chamava-se Leite de Vasconcelos.

Vitorino Nemésio  
*Livro do Centenário do Dr. J. Leite de Vasconcelos* (Lisboa, 1960, p. 101)

COLEÇÕES DA BIBLIOTECA

O LEGADO DE  
LEITE DE VASCONCELOS  
NA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

I V O C A S T R O

LISBOA

IMPRESA NACIONAL  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2019

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[prelo.incm.pt](http://prelo.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](http://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Ivo Castro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**TÍTULO**

O Legado de Leite de Vasconcelos na Universidade de Lisboa

**AUTOR**

Ivo Castro

**DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO**

José Domingues

**REVISÃO, EDIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**LOCAL E DATA DE EDIÇÃO**

Lisboa, maio de 2019

ISBN: 978-972-27-2757-0

Depósito legal: 451 419/19

Edição n.º 1023180

## PREFÁCIO

Quando, em 2000, se concluiu a construção do novo edifício, estavam então criadas as condições físicas que possibilitavam à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa um desenvolvimento até aí impossível. As bibliotecas departamentais e outras coleções dispersas, algumas de difícil acesso, puderam ser reunidas, possibilitando uma utilização e uma gestão muito mais eficaz. O espaço disponível para depósitos, as instalações para os serviços técnicos e as condições da nova sala de leitura auguravam também profundas modificações.

A alteração estatutária ocorrida na Universidade de Lisboa em 2009 veio completar o quadro de mudanças significativas e determinantes. Correspondendo à relevância estratégica concedida pelas direções da Faculdade de Letras que se seguiram a tal alteração, a Biblioteca da FLUL tem vindo a reforçar a sua importância no contexto universitário e nacional, quer pela notável riqueza do seu acervo e pela sua insubstituível contribuição para o estudo, a investigação e a divulgação do saber, quer pelo dinamismo de que dá prova e que lhe permite olhar o futuro com confiança. Possuidora de um importante acervo no âmbito do Livro Antigo, herdeira da Biblioteca do Curso Superior de Letras e guardiã de assinaláveis espólios bibliográficos de grandes vultos da cultura portuguesa, a Biblioteca da Faculdade de Letras, que conta hoje com cerca de setecentos mil volumes, assistiu, ao longo da última década, a um significativo crescimento do seu património e da amplitude das suas atividades. A par da prossecução da política de aquisições, em suporte de papel e em suporte digital, a quantidade e a qualidade dos espólios — quarenta e oito, entre 2010 e 2018 — que foram doados à Faculdade contribuíram decisivamente

# I

## LEGADOS E ESPÓLIOS

---

Este livro ocupa-se principalmente da coleção de livros, manuscritos e material gráfico deixada por Leite de Vasconcelos à Universidade de Lisboa, através de algumas das suas escolas. A coleção é formada por partes com histórias e percursos diversos, que só recentemente foram reunidas na Biblioteca da Faculdade de Letras, com a intenção de se incrementar a sua coesão e visibilidade, assegurar a sua preservação e a converter em instrumento eficaz de geração de conhecimento<sup>1</sup>. Os destinatários principais deste livro serão os estudiosos e curiosos das inúmeras disciplinas científicas que Leite de Vasconcelos cultivou, pois são quem mais lucrará com o exame das páginas que ele leu ou escreveu, verdadeiros mananciais de saberes que em seguida disseminou. Não serão, ou serão menos, os especialistas no tratamento e classificação de grandes coleções arquivísticas ou documentais, aos quais aquela que serve de tema a este livro tem todas as condições para interessar, mas em cuja resignada experiência profissional confiarei para aceitarem que os termos porventura mais usados nas páginas que seguem — *legado* e *espólio* — talvez o não sejam com a nitidez e a univocidade a que técnicos estão habituados, o mesmo se dizendo de termos como *fundo* ou *arquivo*, a que pouco uso dou, aliás<sup>2</sup>. São hábitos meus de

---

<sup>1</sup> As suas componentes principais são duas: uma coleção de livros, propriedade da FLUL (por testamento), e um arquivo documental, depositado na biblioteca da FLUL pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> É este o local apropriado para agradecer o contributo que este livro deve ao diretor da Biblioteca, Prof. José Pedro Serra, ao Dr. Pedro Estácio, chefe do Serviço de Biblioteca, e ao Dr. Sérgio Simões, arquivista da FLUL. A uns ou outros cabe a iniciativa da publicação, a opinião estimulante e o gosto de procurar, sem o que este livro não existiria, ou seria mais pobre em resultados.

filólogo, que os serviços da Biblioteca da Faculdade, já que me levaram a escrever o livro e nele preciosamente se empenharam, não têm remédio senão aceitar.

Seria exagerado afirmar que por trás de cada grande legado se encontra um grande homem, ou mulher. São tantas as personalidades essenciais que de si magro memento deixaram, são tantas as coleções de objetos ímpares que foram formadas por sujeitos mediocres, apenas notáveis na capacidade retentiva, que a equação *grande legado = grande homem* ficaria comprometida se, de vez em quando, não se dessem milagres como o do Legado do Doutor Leite de Vasconcelos.

A grandeza do homem é indiscutível. A grandeza do legado é demonstrável. Enquanto um arquivo (ou um fundo) nascem da ordenação sistemática e perpetuante, por pósteros, de materiais com proveniência comum e com a felicidade de não se terem perdido, um legado é isso tudo, acrescido da vontade do iniciador de oferecer a futuro destinatário identificado a posse e o usufruto desse conjunto de materiais. Ninguém superou Leite de Vasconcelos na caça a materiais e informações, na sua obsessiva acumulação, no seu reaproveitamento, na recusa de eliminar o usado e, principalmente, na intenção, declarada no modo formal que é o testamento, de dar preciso destino a esses materiais, tendo identificado os destinatários e dado instruções para o que estes deviam fazer.

Entre o voluntarismo que está na origem de qualquer legado e a eventual linha de chegada em que um arquivo se começa a definir, tem frutificado especialmente nos espaços ligados à crítica textual e aos estudos literários modernos e contemporâneos — mas com tendência para ser adotado em outros domínios das humanidades — um tipo particular de coleção de materiais, manuscritos ou equivalentes, a que se atribuiu em Portugal a designação genérica de *espólio*, geralmente associado a adjetivos como *literário* ou *manuscrito*, que ficam aquém do potencial do conceito. Este define-se pelo encontro de três características:

- a) Os seus materiais resultam de um produtor único (os manuscritos de um escritor são os seus *spolia*, os seus restos);



- b) Esse produtor, ao não destruir os fragmentos e rascunhos rejeitados dos seus textos (forma mitigada de os legar), guarda a possibilidade de que eles tenham uma vida nova, enquanto documentos pré-textuais;
- c) A leitura combinada de várias peças de um espólio permite descobrir não só os textos que tiveram existência fugaz, antes de serem cancelados pelo autor, como formar novos textos a partir daquela combinação, textos que adquirem sentidos mais ricos que os de cada uma das suas partes, se lida isoladamente.

Uma disciplina literária como a crítica genética nasceu da reconstituição dos passos iniciais, e apagados, da criação da obra de arte. Mas facilmente se entende que o conceito de espólio convive bem com qualquer tipo de produção escrita do texto (cultural, técnico, científico, gráfico, musical), pelo que falar de *espólio literário* é redutor; e *espólio manuscrito* não o é menos, pois datiloscritos, impressos revistos, registos informáticos, desenhos, *polaroids*, etc., também têm direito a ser mencionados.

Entre nós, a designação *espólio* ganhou enorme voga e atrativo nos últimos anos 70-80 com a ação de João Palma-Ferreira e António Braz de Oliveira, que transformaram a Biblioteca Nacional no polo nacional da recolha, tratamento e oferta à investigação de espólios de primeiras e segundas figuras culturais, hoje corporizado na centena e meia de espólios que formam o Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea<sup>3</sup>. Este qualificativo terminal, *contemporânea*, tem alguma razão de ser, pois a maior parte dos espólios são coleções de papel, que começaram a ser formadas no século XVIII, que hoje praticamente não se formam mais e que enfrentam um futuro em que a escrita se desmaterializou e os papéis ainda existentes com

<sup>3</sup> Sobre este arquivo e seus antecedentes, cf. *Leituras*, n.º 5 (*Arquivística Literária e Crítica Textual*), Biblioteca Nacional, 1999; *As Mãos da Escrita: 25 Anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea*, org. Luiz Fagundes Duarte, António Braz de Oliveira, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2007; Ivo Castro, «A casa fechada», *O Trabalho da Teoria. Actas do Colóquio de Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*, ed. R. Goulart, M. C. Fraga, P. Menezes, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2008, pp. 111-120.

o tempo se desmaterializarão também. As instituições como a Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, interessadas em avançar nos caminhos abertos pela Nacional, coloca-se o desafio de não só angariar, como também preservar de modo duradouro as suas coleções.

A quem mais não vê, num espólio, que um gabinete de curiosidades associadas a defunto mais ou menos antigo, merecedoras de serem resguardadas apenas porque são valiosas e raras, o exemplo que apresento a seguir deverá ser suficiente para revelar a insuspeitada força que um espólio pode adquirir como máquina de granjear conhecimento novo, ou de retificar o que se julgava saber bem sabido. O exemplo vai ser exposto com delongas porque, além do fim imediato a que se destina, permite introduzir diversas pessoas, lugares e relações que irão reaparecer várias vezes neste livro.

Quem abrir a bela fotobiografia que o Museu Nacional de Arqueologia dedicou ao seu segundo diretor, Manuel Heleno, não demora a encontrar logo no início do texto o fac-símile de um manuscrito autógrafa seu, intitulado *Orientação*, e aí inculcado destacadamente como sumária regra de vida do biografado<sup>4</sup>. A transcrição do autógrafa e a interpretação que o enquadra e destaca rezam assim:

Mesmo se é difícil discernir qual a faceta mais importante da tão ativa vida científica de meu Pai (pedagogo, historiador, arqueólogo, etnógrafo, literato, etc.), o certo é que a ânsia do saber modelou toda a sua vida, e o perfeccionismo impediram-no de avançar ideias sem provas. Este rumo está bem claro no apontamento que aqui se transcreve, e que ele tituló de *Orientação*: «Já por natural disposição do nosso espírito para não aceitar facilmente hipóteses de pouca base, preferimos não dizer nada a maior parte das vezes, a emaranhar-nos num silveiral sem fácil saída.»

Poderá talvez entreler-se aqui uma teoria sobre a tendência de proteladamente publicar que é amiúde atribuída a Manuel Heleno. Mas mais interessa para o nosso assunto esta utilização de um documento de espólio para justificar o homem e a sua forma de fazer

---

<sup>4</sup> Alice Borges Gago, Carla Martinho, Luís Raposo, *Manuel Heleno — Fotobiografia*, Lisboa, MNA-INCM, 2013, p. 12.

ciência. Se ele o escreveu, essa deve ser a sua verdade. Num espólio pessoal, com efeito, esperamos encontrar documentos produzidos pelo autor com vista ao desenvolvimento da sua obra, mas também à história da sua existência individual: escritos seus, escolhas suas reveladoras de gostos e preocupações, recibos que a vida lhe foi passando, ofertas que decidiu guardar, um pouco de tudo, e tudo com uma marca identificadora comum: ou confeccionadas ou simplesmente recolhidas por ele, as peças do espólio estiveram entre as suas mãos, acionaram a sua atenção, foram destinadas por ele a determinada utilização, são partes do autor tornadas seu resto, sua leitura, seu texto.

Depreende-se da utilização que lhe é dada que não deve ter havido dúvida de que o fragmento programático *Orientação* é uma peça do espólio de Manuel Heleno. Aí foi encontrado, foi escrito intencionalmente por ele, em letra que o filho reconheceu, veiculando algo que ele pessoalmente cria ou sentiu, e por isso tudo foi considerado como documento exemplar, ao lado das muito belas fotografias do resto da fotobiografia.

Se é certo esse entendimento de que as peças de um espólio são *spolia*, pedaços deixados do seu originador, é então forçoso concluir que o fragmento em causa não pertence ao espólio de Manuel Heleno. Ou melhor: pertence atenuadamente, apenas na medida em que é autógrafo seu e ficou entre os seus papéis. Mas será preciso conjecturar porque o escreveu, já que, garantidamente, não é um original seu. A prova desta afirmação começa por se apresentar como mero incidente bibliográfico, mas depressa vai conduzir-nos ao centro da definição do que é um espólio, e qual a sua economia: um documento de espólio vale por ter origem no homem. Ora, na história deste pequeno papel, Heleno não foi o originador, mas um simples copista.

Primeira etapa da desmontagem: o fragmento autógrafo de Manuel Heleno é uma transcrição. Transcrição fiel, mas escolhida, do final de um artigo de Leite de Vasconcelos<sup>5</sup>. Porquê escolhida?

<sup>5</sup> J. Leite de Vasconcelos, «Origem do Povo Português (Estado actual e sucinto do problema)», *Revista Lusitana*, 38, 1943, pp. 196-246; depois republicado como parte I do volume IV da

Para o fim da Origem.

~~Não negamos~~ <sup>que</sup>

Não occultamos que esta parte do  
nosso trabalho dará pouca satis-  
fação às aspirações dos leitores,  
que ~~desafiarão~~ <sup>serão</sup> ~~relatados~~ <sup>relatados</sup> mais po-  
sitivos do que os que se lhe dão.  
As falhas especiais de que se ~~thos~~  
falou, p. 8 (do meu manuscrito)

agregam-se outras como vimos ao  
decorrer do trabalho. Já ~~o trabalho~~  
~~se tornou incompleto~~ ~~na~~ ~~segunda~~ ~~parte~~  
~~do trabalho~~, já por ~~uma~~ natural  
disposição do nosso espírito fa-  
zemos hipóteses de pouca base, pre-  
ferimos não dizer nada a maior  
parte das vezes a emmanar  
nhar. nos num silveiral sem <sup>facil</sup>  
saída. ~~a~~ ~~quasi~~ ~~sempre~~ ~~incerto~~  
~~onde~~ ~~se~~ ~~se~~ ~~construa~~ ~~enquanto~~  
~~tudo~~ <sup>solteria</sup>

~~Para~~ ~~arquitetar~~ ~~hipóteses~~ ~~de~~ ~~pouca~~  
~~base~~, preferimos não



para não acitar facilmente  
para não acitar facilmente

FIG. 2 Manuscrito da p. 61 da Etnografia Portuguesa, vol. IV (Biblioteca da FLUL, A06-01)

# 1

Classes sociais / caixa no  
 Grupos étnicos / extremo da  
 Populações / mesa grande  
 Povos (para o estudo de / de literatura  
 da família do povo /

Judeus / mesma gaveta  
 Moçárabes / da mesma mesa

Ordem dos estantes:  
 Os que tomam vão para uma caixa  
 na mesa de trabalho  
 de literatura, lado do quintal;  
 dali vão para as caixas gerais da  
 mesa grande da mesma sala;  
 Por fim vão para os maiores  
definitivos de estante do lado  
 do quintal, por detrás da ban-  
 quinha em que se escreve.

Biblioteca etnográfica políptica:  
 Livros religiosos, e de etnografia  
 antiga  
 Etnografia moderna, de Sarrett  
 em diante, seguindo-se o  
 arte Tardio, Coelho, Ribeiro,  
 Pires, Chaves... depois por  
 alfabetamento dos apelidos,  
 com alguns recepções; At-  
 raias, Medicina Popular.  
 [Estante do lado de  
 fora, à esquerda de se pro-  
 uir para ela].

volte f.b.

2

Volume suplementares da  
Etnografia Políptica

Por exemplo:

Suplementos (parte nos trad. Pol-  
 de Políptica: Atmos-  
 fera, ... Vegetação, An-  
 mais, / Observações:  
Amuletos (estão em  
 caixas ou maços  
 na literatura, na  
 biblioteca, in-  
 terior posições  
 de grande impor-  
 tância para a  
 família)

Enrolamentos  
 Seres míticos  
Canções (Canções folclóricas:  
 mesmo nos gavetas da  
 mesa grande da li-  
 vreria; em caixas com  
 etiquetas no cofre,  
 com outras etiquetas  
 pautadas (origens, etc.))  
Povos (romances folclóricas  
 alguns na gaveta  
 de mesa grande  
 de literatura; outros  
 na mesa de li-  
 v. de liter. / canções)

Povos vivos  
 Ativos  
 Canções (v. a. nos  
 em Canções)

Povos mortos  
 Alguns mortos

Atos  
 Algumas vezes alguns figuram para a  
 Etnografia Políptica. No mesmo grupo de livros  
 nome de atos e depois de se pro-  
 uir para ela.

FIG. 6 Manuscrito ditado por Leite a Cláudio Basto, sobre as edições póstumas (FLUL C18/09ab)

## ÍNDICE

<b>Prefácio</b>	
de José Pedro Serra . . . . .	7
<b>I Legados e espólios . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>II O Legado de Leite de Vasconcelos: história, estrutura e localiza- ções . . . . .</b>	<b>25</b>
<i>Legado ao Museu Nacional de Arqueologia . . . . .</i>	<i>27</i>
<i>Legado frustrado à Academia das Ciências . . . . .</i>	<i>35</i>
<i>Legado à Biblioteca da Faculdade de Letras . . . . .</i>	<i>39</i>
<b>III O espólio da Faculdade de Letras e seu tratamento . . . . .</b>	<b>59</b>
<i>Tratamento inicial do espólio . . . . .</i>	<i>59</i>
<i>Titulos antigos das caixas do espólio . . . . .</i>	<i>61</i>
<i>Materiais originais, modernos e tardios . . . . .</i>	<i>66</i>
<i>Descrição do espólio . . . . .</i>	<i>69</i>
<b>IV Índice temático do espólio . . . . .</b>	<b>73</b>
<b>V Roteiro do espólio . . . . .</b>	<b>81</b>
<b>VI Um legado diviso e reunificado . . . . .</b>	<b>141</b>
<b>Apêndices</b>	
Apêndice A: Livros anotados pelo Doutor Leite . . . . .	149
Apêndice B: Os papéis do Senhor Epifânio . . . . .	165
Apêndice C: O <i>Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (DRA)</i> no con- texto das edições póstumas . . . . .	175

ISBN 978-972-27-2757-0



9 789722 727570